

## “O RIO QUE PASSOU EM MINHA VIDA”<sup>1</sup>

*Luiz Fernando Janot*<sup>2</sup>

De uma cidade não aproveitamos as suas sete ou setenta e sete maravilhas,  
mas a resposta que dá às nossas perguntas<sup>3</sup>

### **Prólogo**

Toda cidade tende a reproduzir as sociedades estratificadas em seu território ao longo da história. O fato de o Rio de Janeiro ter sido sede do Reino de Portugal e do Império brasileiro contribuiu significativamente para agregar à sua paisagem urbana um valioso repertório arquitetônico e urbanístico.

Durante o período em que o Rio foi capital da República, inúmeras obras foram realizadas para valorizar a cidade e responder às demandas da população. Refletir sobre a sua evolução urbana ajudará a compreender algumas particularidades que fizeram o Rio ser conhecido como Cidade Maravilhosa.

Como em qualquer cidade, seus espaços urbanos estão sujeitos às certezas e incertezas das conjunturas sociais, econômicas e culturais. A postura política de quem administra a cidade deve ser vista como um fator relevante para um desenvolvimento coerente e harmonioso.

Em sociedades pouco apegadas aos valores tradicionais e receptivas às transformações de ordem cultural, as cidades tendem a reproduzir o espírito renovador em sua vida cotidiana. Como corolário dessa afirmação, há um olhar mais imediatista na forma de ver e tratar a cidade. Para o bem ou para o mal, tal realidade precisa ser apreciada.

---

<sup>1</sup> Canção de Paulinho da Viola.

<sup>2</sup> Arquiteto e urbanista, é membro do Comitê Executivo do 27º Congresso Mundial de Arquitetos – UIA2021RIO.

<sup>3</sup> CALVINO, Ítalo. *As cidades invisíveis*. São Paulo. Companhia das Letras, 1990, p. 44.

O determinismo econômico que prevalece no mundo contemporâneo é um fator relevante a ser considerado em qualquer espécie de avaliação. Nesse caso, os espaços da cidade tendem a reproduzir ambientes urbanos que acentuam os contrastes sociais. No Brasil, é visível a existência de ilhas de riqueza cercadas de guetos de pobreza por todos os lados. Há um verdadeiro abismo separando as camadas sociais da população.

Na Europa, esse aspecto adquiriu recentemente proporções alarmantes. Na medida em que a questão migratória se expandiu, ela revelou conflitos étnicos e a miséria das populações vindas de outros continentes. Há que se reconhecer que a guerra e as perseguições políticas têm sido implacáveis com os habitantes das cidades impactadas por esses conflitos.

Para melhor compreender as transformações urbanas é necessário ter um olhar atento para os vínculos entre o passado e a realidade atual. Sem essa perspectiva fica difícil propor um futuro mais promissor para as cidades e para as populações que nelas habitam.

### **Referências históricas e conceituais**

Entre 1830 e 1850, enquanto os arquitetos se dividiam ao discutir o estilo mais adequado para as construções, a urbanística moderna dava seus primeiros passos pelas mãos dos “higienistas” para atenuar o que consideravam defeitos da cidade industrial emergente àquela época.<sup>4</sup>

A insuficiência de água potável e o precário sistema de esgoto sanitário constituíam, juntamente com as epidemias, as principais preocupações daquela época. As estruturas urbanas originárias das cidades medievais eram, de fato, incompatíveis com o espírito dos novos tempos. A ascensão da burguesia e do proletariado industrial delineou um novo perfil para as cidades europeias.

---

<sup>4</sup> BENÉVOLO, Leonardo. *História da arquitetura moderna*. S. Paulo: Perspectiva, 1976, p.91.

Por outro lado, a expressiva migração populacional do campo para as cidades mostrava que elas não estavam preparadas para receber esse contingente populacional. Na medida em que crescia a desordem urbana, as camadas mais influentes da sociedade pressionavam o poder público para reverter tal situação e evitar que eventuais conflitos colocassem em risco as suas propriedades e o poder que exerciam. Em suma, a desordem chamava a sua antítese, a ordem<sup>5</sup>.

A crise urbana passou a ser vista como uma doença que precisava ser tratada com a maior brevidade possível. *Cirurgias urbanas* passaram a ser prescritas para extirpar as anomalias verificadas no tecido urbano das grandes cidades. Em algumas vezes, as intervenções respondiam a interesses disfarçados das classes dominantes.

Em resposta aos questionamentos sobre o alto valor das obras e do impacto causado com a remoção das populações residentes nos locais das intervenções urbanas, o poder público argumentava com a deterioração das construções existentes e a necessidade de abrir novos espaços para circulação de pessoas e mercadorias.

O crescente aumento populacional ampliou a procura por novas habitações. Graças à tecnologia que despontava na ocasião foi possível introduzir novas formas de edificações. Prédios residenciais ganharam espaço, possibilitando os setores capitalizados a investirem na construção civil e em empreendimentos imobiliários.

A concentração de atividades produtivas e de áreas destinadas a negócios induziu os governos a realizarem melhorias urbanas para facilitar o convívio social nos espaços públicos. Neste aspecto, a demolição de moradias insalubres contribuiu para a renovação de grandes áreas das cidades. Todavia, provocou, por outro lado, um aumento significativo da segregação espacial.

---

<sup>5</sup> CHOAY, Françoise. *O urbanismo: utopias e realidades: analogias*. Perspectiva, 1979, p.7.

Com o intercâmbio de mercadorias e a ampliação das atividades econômicas, as ruas passaram a desempenhar um papel relevante para o fortalecimento e consolidação de diversas atividades comerciais. Se a sociedade industrial é urbana por natureza, nada mais lógico do que a cidade exprimir essa identidade na sua configuração espacial.

Apesar de o contexto urbano revelar certas contradições da sociedade industrial, o espírito renovador de parte da população colocou de lado alguns conceitos tradicionais e incorporou novos valores comportamentais. O desejo de construir uma nova ordem social fez do destruir e reconstruir o binômio mais representativo dessa época de grandes transformações.

Algumas cidades, por suas qualidades próprias, serviram como referência para a transformação de outras cidades, especialmente na Europa. Neste aspecto, pode-se afirmar que Paris se tornou a cidade paradigmática do século XIX. Graças à obstinação de Napoleão III e a mão firme do Barão de Haussmann na condução das reformas urbanas realizadas durante o Segundo Império (1852-1870).

Nomeado por Napoleão III para chefiar o Departamento do Sena, o Barão de Haussmann assumiu o cargo de prefeito, de ministro de obras públicas e de planejador-chefe da cidade. Ele construiu aquedutos, sistemas de esgotos, iluminação pública a gás, e vinte milhões de metros quadrados de parques e jardins. Ainda hoje é lembrado por abrir largas avenidas, inclusive em bairros residenciais. (...) Foi nessa época que Paris adquiriu sua *persona* moderna e fortaleceu sua imagem de cidade alegre e preocupada com a moda, a comida, e o gosto pelos grandes feitos arquitetônicos.<sup>6</sup>

Nascia uma nova Paris sobre os escombros da velha cidade medieval. Para o mundo ela representava a maneira bem sucedida de intervir na cidade e de renovar a sua espacialidade. A grandeza e a velocidade com que as obras foram realizadas tiveram o aplauso da burguesia emergente.

---

<sup>6</sup> RYBCZYNSKY, Witold. *Vida nas cidades: expectativas urbanas no Novo Mundo*. Rio de Janeiro: Record, 1996, p.135.

Enquanto os pensadores políticos se mostravam inconformados com os métodos adotados por Haussman, de outro lado havia o deslumbramento da população com o que estava acontecendo.

Intelectuais e artistas censuram, sobretudo, a destruição dos ambientes da velha Paris e a vulgaridade das novas construções, sem, contudo, ir além dos costumeiros lamentos fundados no tédio e na condenação da civilização industrial. Entretanto, Haussmann levou a melhor ao contrapor às perdas de alguns espetáculos pitorescos os inúmeros melhoramentos técnicos e higiênicos realizados na cidade.<sup>7</sup>

Baudelaire foi um dos participantes desse momento singular da história de Paris. Nas suas andanças compreendeu o que poucos haviam percebido. Que a modernização da cidade contribuía para a renovação do espírito dos seus cidadãos. A ressonância da vida parisiense a transformou em arquétipo da modernidade no século XIX.

Os bulevares criaram o hábito das pessoas circularem e frequentarem bares e cafés com mesas nas calçadas. No contraponto desse deslumbramento espontâneo, a nova Paris exibia as camadas mais pobres da população que, até então, não eram percebidas pelas elites da época. Essas camadas de miseráveis passaram a ser vistas como coadjuvantes indesejáveis nos ambientes urbanos renovados.

Contudo, o modelo de intervenção urbana adotado em Paris virou produto de exportação. O arquiteto italiano Aldo Rossi recorreu a certos períodos históricos para ressaltar o caráter progressista da reurbanização de Paris:

Os documentos, as descrições, e o que ainda resta das cidades góticas, evidenciam que a condição de vida das classes oprimidas nessas cidades era das mais tristes da história da humanidade. Os que se comovem com as demolições da cidade oitocentista esquecem que as condições de vida nos bairros góticos das velhas cidades europeias eram insustentáveis e precisavam ser mudadas de uma maneira ou de outra.<sup>8</sup>

---

<sup>7</sup> BENÉVOLO, Leonardo. *História da Arquitetura Moderna*. São Paulo: Perspectiva, 1976, p.106.

<sup>8</sup> ROSSI, Aldo. *A arquitetura da cidade*. São Paulo: Martins Fontes, 1995, p.241.

## O Rio entra em cena

Ser moderno é encontrar-se em um ambiente que promete aventura, poder, alegria, crescimento, autotransformação e transformação das coisas ao seu redor, ao mesmo tempo em que ameaça destruir tudo o que sabemos e tudo o que somos. Ser moderno é fazer parte de um universo no qual, como disse Marx, tudo que é sólido desmancha no ar.<sup>9</sup>

Rasgar o tecido urbano com a abertura de grandes avenidas passou a ser o modelo recorrente das intervenções urbanas. Flanar pelas novas avenidas, contemplando as fachadas dos prédios e os belos monumentos introduzidos na paisagem urbana, deu um novo significado para os espaços públicos.

A renovação dos ambientes urbanos chegou ao Brasil no início do século XX, com o governo de Rodrigues Alves (1902-1906). O Rio de Janeiro, por ser a capital da República, foi privilegiado com grandes obras de renovação urbana. O que sobrou da velha cidade colonial e imperial se mostrava inadequado ao espírito republicano alçado ao poder. As áreas decadentes deveriam dar lugar a ambientes renovados para mostrar o progresso da nação.

Para cumprir essa tarefa e transformar o Rio em uma cidade do século XX, como havia assegurado Rodrigues Alves em seu discurso de posse, o presidente tomou para si a responsabilidade pelas obras que seriam realizadas. Nomeou o engenheiro Pereira Passos para o cargo de prefeito do Distrito Federal, que passou a governar por decreto, sem interferência da câmara dos vereadores.

Paralelamente, fez de Lauro Muller seu Ministro da Viação, Indústria e Obras Públicas, e lhe deu amplos poderes para coordenar as obras previstas. Entre elas, o arrasamento do morro do Senado; a construção do novo cais do porto; o prolongamento do canal do Mangue até o mar; a abertura da Avenida Central, entre outras obras relevantes.

---

<sup>9</sup> BERMAN, Marshall. *Tudo o que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988, p.15.

Para a “Comissão de Obras do Porto” indicou Francisco Bicalho; para a “Companhia Construtora da Avenida Central” o engenheiro Paulo de Frontin; e para a “Diretoria Geral da Saúde Pública” o sanitarista Oswaldo Cruz. Tratava-se de uma equipe de profissionais notáveis e de competência reconhecida. Esse time foi responsável pela execução do maior conjunto de intervenções urbanas realizadas simultaneamente na cidade do Rio de Janeiro.

As obras não se limitaram à área central da cidade. Intervenções também foram feitas em outros bairros. Entre elas, destacam-se a construção da Avenida Beira-Mar até o morro da Viúva; a Avenida Oswaldo Cruz ligando o Flamengo a Botafogo; o alargamento da Rua do Catete; a canalização do Rio Carioca; a abertura do Túnel do Leme; uma via com seis metros de largura marcando o alinhamento futuro da Avenida Atlântica; e as estradas para o Alto da Boa Vista.

Pereira Passos também realizou obras de embelezamento e remodelação de praças e jardins, inclusive do antigo Cais Pharoux, na Praça XV. Iniciou a construção do Theatro Municipal; do Museu Nacional de Belas Artes, da Biblioteca Nacional, e de outros prédios significativos na Avenida Central. Para preservar a ordem urbana, promulgou a “Consolidação das Leis e Posturas Municipais” e reverteu alguns hábitos arraigados na população:

- a) Proibiu atitudes grosseiras durante o *entrudo* carnavalesco; b) Proibiu a venda de bilhetes de loteria nas ruas da cidade; c) Proibiu o comércio de miúdos e reses em tabuleiros; d) Proibiu ordenhar vacas nas ruas ou à porta do freguês; e) Proibiu a criação de porcos no perímetro urbano; f) Proibiu carne exposta nas portas dos açougues e em condições anti-higiênicas; g) Proibiu o exercício da mendicância nas ruas; h) Estabeleceu o serviço de apreensão de cães vadios nas ruas; i) Baixou novos regulamentos de construção e reconstrução de prédios; j) Tornou obrigatória a pintura das fachadas dos prédios visíveis dos logradouros.<sup>10</sup>

A questão da moradia também despertou sua atenção. Cortiços e casas de cômodos foram derrubados em nome da saúde pública. Algumas habitações coletivas foram feitas para acolher parte dos moradores desalojados das habitações que seriam demolidas. Boa parte dos não contemplados com essas

---

<sup>10</sup> REIS, José de Oliveira. *O Rio de Janeiro e seus prefeitos. Evolução urbana da cidade*. Rio de Janeiro: Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, 1977, p.18.

moradias passaram a viver em barracos improvisados nos morros vizinhos ao centro da cidade.

O conjunto de grandes obras realizadas durante esse governo é até hoje lembrado como exemplo de transformação urbana. Por cerca de duas décadas a Avenida Rio Branco preservou seu aspecto de *bulevar* inspirado no modelo parisiense. Em 1925, com a demolição do Convento da Ajuda, vizinho à Praça Floriano, surgiu o Quarteirão Serrador com prédios de quatorze pavimentos e cinemas, teatros, bares e restaurantes no pavimento térreo. Essa localidade passou a ser conhecida como Cinelândia.

Graças aos novos elevadores e às estruturas em concreto armado, vários edifícios foram construídos na área central da cidade. Em 1930, foi inaugurado o edifício *A Noite*, na Praça Mauá, com 22 pavimentos. Na ocasião, era considerado o prédio mais alto da América Latina. Na medida em que os *arranha-céus* surgiam, a Avenida Rio Branco apresentou uma nova morfologia.

Com o desmonte do Morro do Castelo para abrir espaço para a Exposição Internacional do Centenário da Independência do Brasil, uma grande área – Esplanada do Castelo – foi incorporada ao centro da cidade. Urbanizada na década seguinte, seguindo as diretrizes do Plano Agache, foram construídos vários prédios comerciais e diversos ministérios.

Entre eles o Ministério da Educação e Saúde – hoje Palácio Capanema – derivado de um estudo preliminar do arquiteto franco-suíço Le Corbusier. Desenvolvido por uma equipe de arquitetos brasileiros, coordenada por Lucio Costa, teve a participação do jovem arquiteto Oscar Niemeyer.

Outra obra expressiva que ganhou destaque na cidade foi a monumental Avenida Presidente Vargas, com oitenta metros de largura e edifícios com vinte dois pavimentos. Inaugurada em 1944, ela foi considerada como expansão da Área Central de Negócios do Rio concentrada na Avenida Rio Branco.



Todavia, o mais expressivo vetor de expansão da cidade naquela época foi o deslocamento das elites cariocas e da classe média emergente para os bairros da Zona Sul. Copacabana teve papel de destaque por ter uma praia como principal atrativo. A transformação desse bairro se deu rapidamente com a construção de grandes edifícios residenciais e lojas comerciais a partir de 1940.

Com a inauguração de Brasília em 1960, o Rio passou a ser o Estado da Guanabara. A expressiva arrecadação de impostos dessa cidade-estado possibilitou a realização de importantes obras públicas durante os governos Carlos Lacerda (1961/1965), Negrão de Lima (1966/1971) e Chagas Freitas (1971/1975).

Além da construção do novo sistema de tratamento e distribuição de água potável e do interceptor oceânico destinado a captar os resíduos sanitários e despejá-los em alto mar, houve, também, a abertura de importantes túneis fazendo a ligação entre a zona sul e a zona norte e ao centro da cidade. Outra obra de destaque foi o aterro da orla do Flamengo para receber pistas de automóveis destinadas a facilitar o trânsito entre o Centro e Copacabana.

Graças ao prestígio de Lota Macedo Soares, assessora especial do governador Carlos Lacerda, a área aterrada se transformou no monumental Parque do Flamengo, com projeto paisagístico de Roberto Burle Marx e equipamentos de apoio projetados por Afonso Eduardo Reidy. Outro feito extraordinário foi o alargamento da praia de Copacabana e a duplicação das pistas da Avenida Atlântica, envolvidas por amplas calçadas pavimentadas com mosaicos de pedras portuguesas concebidos por esse notável paisagista.

Não poderíamos deixar de assinalar que foi nesse período que aconteceram as remoções das favelas na cidade do Rio de Janeiro. Com a criação do Banco Nacional da Habitação e da Companhia Estadual de Habitação da Guanabara, em 1964, foram extintas as favelas da Praia do Pinto, das Dragas e da Catacumba, na Lagoa; do Morro do Pasmado, em Botafogo; da Macedo

Sobrinho, no Humaitá; do Esqueleto, no Maracanã; entre outras com menores dimensões.

Como o Brasil vivia uma ditadura militar, os protestos das lideranças comunitárias contra a remoção das favelas não foram levados em consideração. Corroborando as críticas feitas na ocasião, há que se lembrar o fato de os moradores dessas favelas serem transferidos compulsoriamente para conjuntos habitacionais construídos em locais afastados dos seus bairros de origem. Entre esses conjuntos habitacionais se destacam a Vila Kennedy, Vila Aliança e Vila Esperança; a Cidade de Deus e a Cidade Alta.

Em março de 1975, o governo militar determinou a fusão do Estado da Guanabara com o do Rio de Janeiro. Foi um golpe duro para a cidade. A perda de recursos oriundos de impostos resultou em um desaquecimento do ritmo das obras que estavam sendo realizadas. Apesar de a construção do metrô continuar a seguir normalmente com recursos empenhados.

Em busca de novas frentes de desenvolvimento econômico, especialmente relacionado à construção civil, promoveu-se uma forte campanha para a ocupação da Barra da Tijuca. Apesar de o Plano Lúcio Costa ter sido elaborado em 1969, a sua implantação só veio a ocorrer, de fato, na década de 1970, após a inauguração do Elevado do Joá e a abertura dos túneis Zuzu Angel e Dois Irmãos, ligando a região à zona sul da cidade.

A presença de condomínios residenciais fechados, supermercados, shoppings, escolas, hospitais, áreas de lazer e outros atrativos, fizeram com que moradores de outros bairros se sentissem atraídos por essa forma diferenciada de morar. O slogan “*Sorria, você está na Barra*” seduzia os que desejavam deixar de ser apenas frequentador do bairro para se transformar em futuro morador. Diversas empresas transferiram suas sedes do centro da cidade para este local da cidade.

Enquanto a informalidade crescia nas ruas e as favelas e os loteamentos irregulares se expandiam, o tráfico de drogas consolidava o seu poder nessas

comunidades. No início dos anos noventa houve uma tentativa de requalificar o ambiente urbano em vários bairros do Rio para favorecer os moradores e a ambiência local.

Dois projetos relevantes – Rio Cidade e Favela Bairro – foram implantados na ocasião. Enquanto o primeiro tinha como objetivo requalificar espacialmente os principais eixos estruturadores do comércio nos diferentes bairros da cidade, o segundo introduzia melhorias urbanas em favelas visando integrá-las à cidade formalmente construída.

Os resultados alcançados foram reconhecidos pela população e por outros governos interessados em implantar projetos semelhantes em cidades brasileiras e no exterior. Infelizmente, esses projetos foram sendo relegados ao esquecimento pelos governos que se sucederam. Perdeu-se uma excelente oportunidade de melhorar a espacialidade urbana da cidade e as condições de vida nas comunidades faveladas.

Recentemente, face à organização bem sucedida e o sucesso alcançado com os Jogos Olímpicos, a imagem da cidade foi valorizada. Eventuais críticas ao conjunto das obras realizadas foram amortecidas pelo importante legado que foi deixado para a cidade.

Dele consta a demolição do Elevado da Perimetral que por muitos anos comprometeu a paisagem urbana da área central da cidade. Hoje, com a Orla Conde, é possível circular à beira-mar desde a Praça Quinze até a Praça Mauá, onde se encontra o magnífico Museu do Amanhã e o Museu de Arte do Rio. A esse conjunto se incorpora os armazéns do antigo porto do Rio atualmente utilizados para eventos de diferentes naturezas.

Se alguns equívocos conceituais foram cometidos na elaboração do plano de revitalização da antiga região portuária, impedindo que a área se deslanchasse como esperado, seu potencial permanece graças às vultosas obras de infraestrutura realizadas no local. Uma revisão do plano em vigor poderá ser feita

a qualquer momento, de modo a incluir prédios residenciais e fomentar as atividades, de dia e de noite, para dar vida àquela localidade.

Do legado da Olimpíada também faz parte a reurbanização de algumas ruas do Centro para receber o VLT; a implantação de linhas do BRT interligando vários bairros da zona oeste e zona norte e ligando-os ao centro da cidade; a expansão do metrô até a Barra da Tijuca.

A essas conquistas soma-se o extraordinário Parque de Madureira com sua imensa área de lazer para os moradores locais e dos bairros vizinhos. E, também, o Parque Olímpico de Deodoro que, infelizmente, não recebeu as adaptações necessárias para o uso ser efetivamente liberado para que a população do Rio e da sua região metropolitana pudesse desfrutar plenamente.

## **Epílogo**

Para melhor compreender uma cidade e especular sobre o seu futuro é preciso conhecer o seu passado e imergir no contexto urbano existente. Por essa razão, incluímos no texto importantes referências históricas e princípios conceituais que interferiram no processo de evolução urbana do Rio desde o início do século passado até os dias de hoje.

O passado, o presente e o futuro do Rio estão contidos nas suas ruas, becos e vielas; nos palácios e monumentos preservados ou destruídos; nas modestas casas dos subúrbios e nos apartamentos luxuosos da Zona Sul; no mercado imobiliário que *ergue e destrói coisas belas*; na existência de muros e grades por toda parte; na presença de habitações precárias em morros e margens de rios; no contraste perverso entre a riqueza e a pobreza; e nos momentos de alegria e de tristeza que traduzem a vida da sua gente.

Infelizmente, a apatia e a incompetência da atual administração municipal para responder aos desafios de uma metrópole com o porte do Rio se revelou no desleixo em que a cidade hoje se encontra. A incapacidade de gestão da cidade

acarretou a desordem urbana que tomou conta das ruas e de outros espaços públicos. Até quando esse estado de deterioração da cidade irá perdurar?

Em termos de legislação urbana a prefeitura faz de tudo para favorecer o mercado imobiliário. Como tolerar regras de ocupação do solo que permite pagar acréscimos ilegais e incompatíveis com a própria legislação? O pagamento antecipado da “mais valia” é uma agressão ao bom senso e um desrespeito ao patrimônio natural e edificado dessa cidade que já foi chamada de maravilhosa.

Enquanto a ocupação formal segue esse rumo, as construções informais em áreas dominadas pelo tráfico e por milícias reafirmam a indiferença do poder público com o crescimento descontrolado da cidade. Há vinte e cinco anos, o jornalista Zuenir Ventura, em seu livro “A cidade partida”, apontava aspectos relevantes da ocupação informal da cidade e a sua interferência na vida cotidiana.

Alertava para o fato de que se nada fosse feito socialmente e urbanisticamente nessas comunidades, o poder paralelo controlaria todas as favelas em curto espaço de tempo. Reunimos alguns trechos do livro que ajudam a compreender esse grito de alerta:

A cidade civilizou-se e modernizou-se expulsando para os morros e periferias os seus cidadãos de segunda classe. O resultado dessa política foi uma *cidade partida*. Juntá-la talvez seja tarefa para o próximo século [XXI]. Mas será preciso começar já – até porque a política de exclusão foi um desastre. Não apenas moral e humanitária, mas também do ponto de vista da eficácia. (...) No fim do século passado [XIX] havia no Rio uma só favela; no fim deste século [XX] elas são mais de quinhentas. Fracassou o sonho de expulsão dos bárbaros. Eles estão chegando ou já chegaram com suas “*vanguardas*” armadas, audazes e cruéis. (...) Os nossos *bárbaros* já estão dentro das muralhas e suas tropas detêm as melhores armas e a melhor posição de tiro. Os *bárbaros* são a grande fonte do mal-estar deste final de século. A exclusão se transformou no problema social maior. Enquanto dos morros só se ouviam os sons do samba, parecia não haver problema. Mas agora também se ouve tiros.<sup>11</sup>

---

<sup>11</sup> VENTURA, Zuenir. *A cidade partida*. São Paulo. Companhia das Letras, 1994.

Este é um claro recado sobre a injusta distribuição de renda, do fracasso das políticas sociais e de controle da criminalidade adotadas pelos governos federal, estadual e municipal. Aquelas quinhentas favelas citadas, hoje são mais de mil e o número dos seus moradores representa um quarto da população carioca.

Para agravar esse quadro, em algumas comunidades os traficantes e milicianos estão atuando juntos. Conhecidos como “donos do pedaço”, essas facções criminosas exigem exclusividade na aquisição de diversos produtos e serviços como, por exemplo, água potável, botijão de gás, internet, transporte em moto, materiais de construção, aluguéis de imóveis, e outros serviços. Inclusive, o pagamento compulsório de taxas de segurança.

Se a globalização financeira estimula o desenvolvimento econômico, por outro lado, ela concentra a riqueza nas mãos de poucos, especialmente das grandes corporações multinacionais. A competição internacional afetou as condições de emprego e a subsistência das classes trabalhadoras em razão da dificuldade de regular essa ordem econômica mundial. O aumento da desigualdade social gerou uma espécie de *apartheid* social, principalmente nas grandes cidades. Da população mundial estimada em pouco mais de sete bilhões de pessoas, cerca de quatro bilhões vivem com até dois dólares por dia.

Ao contrário de outros países, no Brasil, o empresariado e as grandes corporações, de uma maneira geral, não gostam de risco e muito menos de competição. O Estado virou um porto seguro para os seus investimentos. Muitos pactuam com políticos corruptos a formação de ambientes promíscuos para a troca de favores escusos. O resultado favorece o enriquecimento ilícito de ambas as partes.

A polarização que se instalou recentemente no Brasil tem sido a causa do abalo progressivo das estruturas sociais e do desvirtuamento dos valores éticos que regem uma sociedade democrática. Nossa jovem democracia está sendo ameaçada pelo fanatismo de pessoas que se deixam levar por estratégias políticas e maniqueísmos ideológicos extremados.

“A análise dos males e dilemas do mundo constitui o prelúdio para a discussão da possibilidade de algo melhor no futuro.”<sup>12</sup> Sob o tema “Todos os mundos. Um só mundo. Arquitetura 21”, o Rio receberá o 27º Congresso Mundial de Arquitetos – UIA2020RIO. Os caminhos para a construção de um mundo melhor, mais justo e auspicioso para o futuro das cidades será o foco principal dos debates que acontecerão.

Surpreendido pela pandemia, os organizadores do Congresso decidiram transferi-lo para os dias 18 a 23 de julho de 2021. Com essa decisão abriu-se espaço para o Comitê Executivo organizar uma série de eventos durante o período de julho de 2020 a julho de 2021. Sob o título “Plataforma Cidade 21” os eventos a serem programados reunirão diversas vertentes do pensamento contemporâneo sobre o momento atual e o futuro das cidades. As conclusões resultantes das apresentações e debates serão levadas para o Congresso.

Hoje, se indaga se haverá mudanças efetivas nas cidades após esse período de pandemia. Nos eventos da “Plataforma Cidade 21” pretende-se discutir essas questões associando a presença e a participação de organizações da sociedade, de diversos movimentos sociais, das lideranças políticas e empresariais, da Universidade e órgãos de pesquisa, e de diferentes pessoas envolvidas com o pensamento democrático e a construção de um mundo mais justo e sustentável.

A história comprova que os novos hábitos mudam a cultura e levam as cidades a adquirirem outros valores. Diante desse quadro de transformações, vislumbra-se a possibilidade de reduzir as desigualdades intraurbanas, de estender a universalização dos serviços públicos a todos os cidadãos, de oferecer espaços urbanos de qualidade, de preservar o patrimônio edificado e o conjunto dos bens naturais, em nome da preservação do planeta para as próximas gerações.

Através dos meios mais avançados de comunicação e dos recursos da tecnologia de informação, a “Plataforma Cidade 21” pretende registrar, organizar

---

<sup>12</sup> GIANNETTI, Eduardo. *Trópicos utópicos: uma perspectiva brasileira da crise civilizatória*. São Paulo: Companhia das Letras, 2016, p. 13.

e divulgar essas manifestações para um número expressivo de pessoas interessadas no futuro das cidades. Estamos confiantes que desde o cidadão mais simplório ao sofisticado intelectual, todos terão algo importante a dizer. Desde já, estão convidados a participar de alguma forma dos eventos.



## BIBLIOGRAFIA

BENÉVOLO, Leonardo. *História da arquitetura moderna*. São Paulo: Perspectiva, 1976.

BERMAN, Marshall. *Tudo o que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade*. São Paulo: Companhia das Letras, 1986

CALVINO, Ítalo. *As cidades invisíveis*. São Paulo. Companhia das Letras, 1990.

CHOAY, Françoise. *O urbanismo: utopias e realidades: analogias*. Perspectiva, 1979.

GIANNETTI, Eduardo. *Trópicos utópicos: uma perspectiva brasileira da crise civilizatória*. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

REIS, José de Oliveira. *O Rio de Janeiro e seus prefeitos. Evolução urbana da cidade*. Rio de Janeiro: Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, 1977.

ROSSI, Aldo. *A arquitetura da cidade*. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

RYBCZYNSKY, Witold. *Vida nas cidades: expectativas urbanas no Novo Mundo*. Rio de Janeiro: Record, 1996.

VENTURA, Zuenir. *A cidade partida*. São Paulo. Companhia das Letras, 1994.